

LUÍS DE BORJA
OS NEFELIBATAS

A LUÍS DE BORJA

Na gaza glauca abre o limbor d'uma falua
Rainuncular: boia uma chaga na enseada
Do lago de Jesus: — Que será?! — Caiu a Lua
No Sangue, como uma noviça violada!

Ergueu-se a âncora no céu de betonilha
Líquida, fluida, em ondulâncias: vão à tona
Serafins, Santa Margarida de Cortona,
E onze mil Virgens todas alvas d'escumilha...

Vamos embora! Ergueu-se a âncora no Céu!
Âncora de prata, toda semeada
De pedras finas: foi o Senhor quem lh'as deu...

Para a Alma! Vai partir a sagrada falua...
Mãos dadas, astros por turbante! — Caiu a Lua
No Sangue, como uma Pureza apunhalada...

R. MARIA

Agora, longe desse Grupo amigo, onde havia talento e originalidade para espalhar em tantos livros das gerações apagadas: agora, que tenho entre mim e esse cenáculo bizarro cadeias de montanhas toucadas de branco, rios e vales, é que me apetece evocar os meus companheiros de longe, a sua vida, fazer reviver cenas fantásticas das suas noites, cercado da minha tristeza de covento entre árvores, tendo diante dos olhos a feeria de outrora, — como uma cidade de sonho cercada de labaredas...

A par do satanismo, da nevrose esquisita de quase todos, havia em nós uma simpatia inquebrável, uma admiração pelo que valia, e um raro desprezo heróico da Terra! Nessa casa da Sé, escolhida assim num bairro original e curioso, amodorrado na treva, com interiores de estupro, becos e nichos, foi por muito tempo o cenáculo, que mais diriam um covil de bandidos, que um lugar de reuniões de homens ilustrados e honestos, tendo apenas visões e pesadelos, horas doentias de lágrimas e uivos.

A “*sala das noites*” já Raul Brandão a descreveu em tempo, numa carta acerca de outro nosso Amigo.

Era aí que nos reuníamos, onde o Thereal D. João de Castro e eu fazíamos as invocações dos *Possuídos*, envoltos em hábitos negros, onde a luz dos tocheiros escorria lívida. Da última vez R. Maria recitou os versos que aí vão no princípio deste trabalho.

Esse soneto foi-me consagrado pelo poeta, e é para mim de uma delícia infinita esta dedicatória do seu último trabalho em Portugal. As suas poesias podiam-se subordinar a duas fases: a fantástica e a da simplicidade. Este soneto, que sendo belo, não dá a ideia do altíssimo talento de R. Maria, pertence à corrente das cristalizações, da transparência, como se vê.

É curioso: no choque das paixões e das teorias, nas rebuscas torturantes da Nova Arte, este Poeta de génio, aventureiro e sincero, ora tinha a melancolia e o negror do “Corvo”, ora a diafanidade elisial e ondeante... Quem não se lembra das estrofes da *Débora*, coriscantes de brasa no fundo negro de um remorso? Quem não se lembra da *Manhã do Céu*, onde havia o festim dos Puros, libando as taças de leite, sob a lua, togados de linho?...

Ouviam-se sempre atentamente as recitações de qualquer de nós, mas eram com certeza os versos de R. Maria, o misterioso R. Maria! que nos levantavam mais entusiasmo pela Arte, e que

eram sempre mais abençoados: — não eram palmas, nem ruído, o nosso aplauso — tão simplesmente uma bênção, que caía lenta sobre o eco das últimas sílabas perdidas...

Eu fui um dos últimos a aparecer no cenáculo, e um dos primeiros a abandoná-lo: — a abandoná-lo, mas a não mais o esquecer. É agora que o vento canta nas folhas dos aloendros e o azul é transparente e de cobalto, sob esta paz do poente que expirou, na minha cela amada, vou contar as impressões que tive de esses rapazes adoráveis, que com todo o seu macabrisimo fizeram de mim um crente, amortalhando no hábito as esperanças do Fugaz, depois de ter escrito os versículos da *Prece*.

Levantar âncoras do Mundo !

.....
Onde o rumor seja o da Paz...

*

Foi numa noite de inverno, que me levaram à Sé. Uma noite de inverno sinistra. Um vento gelado galgava e assobiava nos becos, como se levantasse espectros de desgraça. Os nichos apagavam-se; a luz dos lampeões tremia. No alto, rouca, a trovoadá passava, rolando. O vento uivava; um cão uivava.

— Para onde me leva? — perguntei eu ao meu apresentante.

— Para ali — e indicou-me uma casa com varandas de pau, na garganta de uma vela esconsa.

Estudei ligeiramente o bairro. As casas tinham contricções, dir-se-iam mendigas rezando, ajoelhadas nas trevas: um bêbado obscenava — e uma taberna mais longe ressumava nas lajes um clarão de tocha, amarelento e peçonhento.

A trovoadá rolava surdamente: oprimia. Dir-se-ia que as casas piolhosas rezavam sempre...

Era terça-feira, dia fatídico, escolhido para as reuniões. Quando entrei na sala pasmei, como transido de melancolia e de tortura. R. Maria ao meio, alumiado por um tocheiro, esguio, lia um soneto machbético: o cabelo, besuntado de luz esverdenhada, parecia uma asa sinistra de corvo, batendo sobre um cadá-

ver: a voz feria em gume, o braço direito cortava no ar uma linha estranha, — e não sei porquê lembrei-me do esqueleto de Goya, num fundo acarvoado, com laivos de gangrena onde escorriam larvas...

Fiz então conhecimento de todo esse grupo de novos, cheios de talento, de originalidade e de bondade. Compreendi-lhes a estesia, examinei-lhes os processos, por vezes tão variados — e disse-lhes um trecho inédito, que foi coberto de bênçãos.

No interior de essa sala saudosa, eu ouvi discutir teorias de arte, sempre nobremente, sempre radiantemente. Não eram *nefelibatas*, nome que demos a este opúsculo, pois que o público assim deliberou classificar qualquer novo de talento, que em pouco que seja se afaste da rota banal, que seja mais subtil ou mais sicero, o que tanto basta para que o riso alvar escancare as guelas vermelhas do indígena.

Nefelibata é pois um nome *ad hoc*, mas que não reproduz de certo a ideia geral que dão a esse vocábulo, de uma bizzarria e de um escolismo cantarolante: eram novos que ali se reuniam, amando e rezando à Arte, ao Amor, ao fugidio ideal...

E aí voltei eu sempre, enquanto me não vi necessitado a abandonar o Porto, por este sítio sem o ruído do Ódio, onde a água canta como uma oração melodiosa, as flores abrem só para Deus, e o mal não existe e só a graça e só a candura bíblica!...

Das nossas reuniões cheias de mistério e de simpatia, não se apagou nem se apagará em mim um traço apenas. E aí vão algumas impressões esparsas, um ou outro caso a relatar agora, que deixou na minha alma impressionável um leve roçar eléctrico de mistério.

Às vezes, já tarde, quando nas ruelas esmoreciam as últimas passadas de bêbado, quando as tascas ficavam sem marujos e sem mulheres, em noites claras, abríamos as janelas, os tocheiros apagavam-se, e todos ficávamos alumiados pelo luar fosforescente, azulejando, quase gorduroso, o cetim negro do divã.

Um de nós tocava órgão: o céu estava inefável, incensado de nebulosas, estrelado: e a música alava-se, ondeava como um perfume no ar diáfano, no ar fundo e imenso como o Coração humano... A música caía nas Almas, molhava-as, aspergia-as de Sonho, como de um nevoeiro lilás: uma esperança renascia — e

na musselina do Luar fugiam, cortavam-se, fundiam-se em claridades vagas perfis antessonhados, esquisitos, esparsos, que davam afinal um perfil já visto, amado algures, — que era quase a flor de lótus da Lua...

Mas a música morria, como um físico expira, e como a despertar-nos da *rêvasserie*, no telhado fronteiro um gato miava, os olhos como grandes pirilampos, acesos, fitando-nos esfingicamente.

O animal querido de Charles Baudelaire vinha avivar recordações do Poeta, os seus mios glácidos cortando a pacificação do bairro antigo: — e daí nasciam, vinham à tona, pontos de vista de bizzarria, anedotas e crítica sobre o estranho autor das *Flores do Mal*, sobre o dawamesk, sobre Edgar Poë...

O gato entretanto parecia magnetizado por nós, e, como a rua era estreita, num salto, veio cair no telhado da nossa casa, como um agouro, como um prenúncio inadivinhado e triste. Depois saltava à varanda, e ei-lo na sala, roçando-nos as pernas, miando, como um ébrio... — Pouco depois aconchegado no divã talvez sonhasse, abrindo quando a quando os olhos lúgubres de velho mocho esfomeado...

... E a mão afagante de Raul Brandão corria-lhe no dorso, esguia e mais pálida do luar...

Outra noite, de inverno áspero e lóbrego, estávamos todos tristes como a treva, e dir-se-ia que em nossa alma passava o arrepiado da ventania crua, assobiante e desolada. Alguns tinham lágrimas nos olhos. Chovia.

— Bateram à porta? — perguntou alguém.

Era o vento: devia ser o vento.

Mas de novo duas pancadas soaram, espaçadas, distintas.

Nessa noite não faltava ninguém do nosso *cercle*. Quem era o importuno, àquela hora adiantada da noite hibernal, que nos descobrira as pegadas?

A porta abriu-se, e a luz dos tocheiros iluminou em cheio a figura viciosa e pequenina de uma velha, toda molhada da chuva, de melenas horripeladamente desgrenhadas.

E a velha entrou, em passos macabros de dança, a esganiçar uma canção diabólica, arrepiante e fria como vidros que se partissem, gelando os nossos ouvidos. E pela janela aberta o som

esgueirava-se pelos recessos do bairro sujo, como se fosse um mocho ferido a piar, uivos de cadelas com fome, arrastando a preñez.

E a velha, de em torno ao tocheiro do centro, esgarabulhante, em ziguezagues aduncos de esqueleto, continuava dançando, tocada de um clarão lívido, lançando esgares de espectro levantado, — enquanto a chuva caía agora no lajedo com a lentidão triste de uma recordação de crime que renasce!

Nós estávamos perplexos, olhando, como se fôssemos acordados de um pesadelo negro, a um tantã de ossadas, e ao cadenciado abanar dos ciprestes, — uma dança macabra de Saint-Saëns.

Ofegante, a velha parou. Os olhos grandes, de gata, no sulcado do rosto, resplandeciam como bugalhos de febre: o cabelo caíra-lhe para a frente larga — e, lentamente, começou a despir-se, hediondamente, até ficar numa nudez de cadáver, espectral e cor de marfim amarelado, já sem tetas, como a figura desdenhada e galvânica da estancada luxúria.

O tocheiro bamboava à brisa da viela, fazendo esvoaçar as sombras dos ângulos. O corpo dela escorria de uma gordura esverdinhada de decomposição subterrânea, lambida da luz fúnebre. —

Então, assim ignóbil, abriu os braços, cacarejou um riso, e foi cair sobre R. Maria, a quem envolveu nos braços crispados, colando-lhe aos lábios brancos a cartilagem seca dos seus beiços glácidos...

R. Maria debatia-se, pávido, enleado nos ossos da velha que rangiam; e nós, vagamente aterrados, tivemos a visão de um pesadelo execrável, em que a Morte nos enlaça no hirto dos seus braços, num fundo de catacumba, — e naquela horrível alucinação de treva, naquele sonambúlico estrebuchar da alma, a chuva caía no bairro cheio de lepra, de violações, de miséria, de roubo!

... Quando partimos dali, oprimos e nostálgicos, já dançavam na escuridão, como velhas esguias, os primeiros esgarços de luz da madrugada inverniça.

Não sei já hoje, entre a ambiência de esquecimento que o meu espírito criou para extinguir a memória das Galés, se nesse esconso e lezardento bairro da Sé, onde outrora convivi no cenáculo, os meus antigos Camaradas se reúnem ainda, ou se ao fundo

da estreita sala o leito de alguma zabaneira substituiu o altar negro das invocações de então.

Dois livros deste ano, os *Versos de Alberto de Oliveira e Alma Póstuma* de D. João de Castro, a que a curiosidade nostálgica do meu espírito não pôde resistir e que nervosamente venho de ler, fazem-me visionar, reviver, todo esse irial grupo dos Novos, as suas fisionomias e atitudes com a minúcia e a frisante nitidez de uma recordação de ontem.

Será um parêntesis de revivescência de anos mortos no meu diário, e na luz que alvorece num glaci cor-de-rosa e olaia e na indecisa perspectiva começa a recortar as primeiras silhuetas dos rebanhos e dos pastores que descem além as veredas dos montes Hermínios, um dia ainda passado em comum com os distantes Amigos que frequentei: depois, que o Senhor traga de novo à minha alma a paz e a meditação dos seus santos Evangelhos.

Entre o trepidar da Cidade, a agitação dos Bancos e das Salas, entre todas as misérias e prostituições deste circo de vaidades de redactores de almanaques de toda a cavallhada nacional de políticos hidrocefalos e nulidades, levando em pompa através da multidão o cartaz da sua glória como um lampeão de casa de penhores — isolado, esse grupo formava uma sociedade à parte, uma legião indisciplinada, não inscrita no recenseamento da Tradição ou no recenseamento da Academia, fora da Manual do Bom-Tom, em revolta com o Padre-Eterno e o Dicionário de Rimas de Castilho — vivendo somente dos seus sonhos frementes, das radiais criações dos seus cérebros, na sagrada emoção de alma da Arte. Não tendo nem as ideias nem o coração dos demais! Não falando a mesma língua! Comungando todos na alegria e no orgulho de serem incompreendidos, odiados, olhados de invés pelos Bárbaros e jornalismo; e no orgulhoso desdém do seu mudo isolamento, sabendo os julgamentos deles rancorosos e mesquinhos, banais e desgostantes como uma caixa de música, decidindo do valor de uma obra pela qualidade do papel e o capachismo da oferta, sem consciência e sem camisas, sem educação e sem roupa branca, cretinos e sujos: — carroça de Domingo Gordo em que a *Falta de Carácter*, travestida de Pasquino vai puxada a bodes de Panúrgio. Ateus do Preconceito e da Opinião Pública — esse zabumba de barracão Guinhol, — não professando nenhum culto, nenhum

Evangelho, nem o do Classicismo nem o do Catolicismo, cuspidando em todas as hóstias consagradas dos ritos burgueses. Anarquistas das Letras, petroleiros do Ideal, desfraldando ao vento sobre os uivos e os apupos dos sebastianismos retóricos o estandarte de seda branca da Arte Moderna!... A Arte, aí estava o único Altar em frente do qual se ajoelhava, a única Bíblia, a única Religião pela qual pregava, pela qual fazia a santa cruzada essa legião marchando através de todos os combates e todas as pestes, os olhos fitos por sobre a Academia e S. Bento na estrela dos magos do seu grande Ideal.

Oh! os belos tiroteios, o soberbo drapejar de ideias agitando-se por cima da esgrima dos gestos, dos olhos que brilhavam, das bocas que troavam, como estandartes ao vento, duelos de opiniões e de frases que se chocam, se embatem, ripostam como lâminas de floretes, e lutam e se saúdam ao fim com o leal aperto de mão de briosos e altivos cavaleiros que se bateram por um sorriso ou por uma flor!... E noutras vezes essa vaga melancolia, a nostalgia vaga e intraduzível que se comunica como um perfume se evoliza, as horas murmurantes em que cada um dizia em surdina desbotadas já e afastadas sonatas de amores extintos, prelúdios de beijos que se calam em luar...

Uma íntima, profunda fraternidade ligava a todos, apesar das contraditórias opiniões, dos diversos temperamentos e comunhões literárias. E é sobre tudo isso que hoje, de entre a desolada paisagem da minha vida finada, mal cicatrizadas ainda as feridas que a Sociedade — a Fera Humana — retalhou na minha Alma — me atrai e encantadoramente me é doce lembrar às vezes, às horas em que a Nostalgia desperta: essa clara e irial radiação de Pureza e Lealdade, tão raras e distantes.

Tempos vieram, novas ideias, ardentes penitências da velha mácula sacrílega, o arrependimento e a contrição do miserável Possuído que eu fui — mas os meus votos são bem ardentes, bem sinceros para que a Divina Providência irradie e faça resgatar do Pecado e do Erro em que porventura as suas pobres almas ainda estejam agrilhoadas no pesadelo das malévolas sugestões de Mitra, para que elas conheçam a doce, a pacificante serenidade que emana da vossa Luz, Senhor!

*

Bíblia do Sonho: a obra bem lógica desse espiritualista melancólico, rezando longe dos áditos pagãos da Carne o breviário do Amor Imaterial, aspirando ao Infinito, vivendo um sonho que se eteriza entre as espirituais brancuras da Via Láctea: — a Via Láctea, tebaida das almas eleitas, Eliseu das castas delícias e das claridades da pureza, vitral do Céu para onde os olhos num religioso espasmo vão com a extasiada ânsia, o bistérico misticismo dos fiéis para a Virgem Santíssima. Oh! a agonia das lutas do coração do homem e a ignóbil ilusão da mulher, estão bem longe do seu poema em cujo hierático ritmo vibra a alma contemplativa de um budista.

Toda esta primeira parte do livro de Alberto de Oliveira, — a mais radiante — é o fervoroso Psaltério de um Levita do Luar, isolado na sua cela longe dos homens, no delírio embriagado e pleno de unção de um crente extasiado através das grades, a vista da sua alma deslumbrada na contemplação do Céu, à hora a que a Lua vem subindo com o vago esplendor de uma patena de prata sobre um altar, e os astros um a um se acendem num doirado tremeluzir de círios. Uma sensitiva suavidade de impressão aliada à cromatía de um paisagista de Outono — é a segunda parte, *Pores de Sol*, um Missal de Bysantium em que agonizam em trenos de nunces de lilás e olaia céus arroxeados e doentios como seios de virgens ciliciadas, aromas brancos como leite, serenos como sorrisos de Infância, desmaios de violinos, gemidos de violetas, folhas de choupo que caem como lágrimas de ouro velho, e ao longe, num campanário de ermida o tintinir das Ave-Marias, ecoando na anemia do poente como uma voz de Irmã de Caridade.

Diversa, absolutamente, é a sensação que fica desse livro cacutal e bizarro *Alma Póstuma*. Dom João de Castro, um sombrio de retina implacável em cuja água-gelada uma indizível expressão, quase terrível de indizível, metaliza duros reflexos: uma atitude a um tempo ativa e *morgue*, que deveria ser inalterável perante as baixezas e todos os heroísmos, ao entrar um salão real ou uma enxovia. A sua arte espanta e encanta, a inspiração tem paroxismos, gritos, maldições — e a espaços cantos serenos de

aspiração que se resigna, votos de alma que se ajoelha. Excessivo e satânico, debatendo-se com a carne e rogando-lhe pragas, subindo toda a áurea escada do amor ainda puro para se despeñar no tédio e na agonia da saciedade, na tortura do remorso; chorando a Pureza poluída, o seu Sonho esfacelado, como um Paraíso que se perdeu e nunca mais se verá, feito de imprecações e de lágrimas, de litanias e de psalms — tal é esse livro desconexo e estranho, excessivo mesmo na forma onde a esparsos, entre o cântico de deliciosas imagens, o inédito bizarro e cinzelado do estilo, qualificativos irrompem como *knouts*. Do seu paço de Azurara o poeta atirou os seus versos à face do mundo, e pelas gazetas foi então uma vasa de insolências reles, raivas e mordeduras viscosas de invejas impotentes, alastrando no público insciente, ecoando na espessa ignorância de leitores para quem a frase do jornal é o dogma bíblico que se não discute e se adopta, — uma girândola de facécias, paródias de almanaque, piadas de Revista de Ano, pontos de exclamação, vaias de viela em frente de uma honestidade que passa, toda a fétida zanguizarra de uma tasca em delírio. — Mas decerto Dom João terá dito ao seu velho coureiro que faça de tudo isso buchas de caça para a sua velha espingarda de mato.

Um dos mais raros frequentadores do Cenáculo era Júlio Brandão, perfil caprino e trovadoresco, em que dois olhos largos e sombrios como almas, tem relâmpagos de febre que se facetam num monóculo, névoas infinitas de infinita nostalgia doente, e às vezes grandes centelhas de hilaridade que blagueia, entre o ruivo ondeamento da cabeleira frígia e a barba ruiva, uma barbicha em sarça de Mefisto-fauno.

O poeta da claridade e das magias do luar. O pavilhão da sua galera, que palpita às virações do mar e alvamente vai tremulando sobre a formilhante Realidade, é de seda branca e prata, e tem esta legenda: *Simplicidade*. Numa língua calma e idílica, como a dos velhos profetas da Bíblia poética, o seu sonho elança-se para os ideais horizontes da Pureza e da Suavidade, numa revoada polvilhada de asas de arminhos, sob a luisância das estreladas e luarentas noites, e errante na diamantina floração dos Astros a sua alma entoa os cânticos da Noite, salmos místicos rogando

a Graça e o Livramento. O Misticismo invocante de Verlaine, o Poeta Santo, tem nos seus versos resignados e onde chora já serenizada uma grande saudade e uma aspiração de brancuras, a espaços relâmpagos de Heine, o humorista lírico.

Mas o poeta da *Bíblia do Amor*, o poeta da Simplicidade, certos dias, parecia outro, transformado num ser acabrunhado e misantropo, sonambulizando a um canto, mudo, pesadelos de nevrose negra, cujo reflexo turvava as suas pupilas e as fazia cruéis.

Nesses dias de tristura, o Poeta estranho aparecia no terror petrificante de um homem que luta com um espectro: gestos de um pavor de agonia revolviam-no, e na crise alucinada, da sua garganta rouquejante brotavam como novelos vivos de víboras, palavras de crime, interjeições satânicas. — O poeta debatia-se com o mal.

Algumas vezes aparecia Just de Montalvão, uma organização oriental de artista, como os orientais compreendendo a inutilidade de toda a Acção, e encarando a Arte com o delicado egoísmo de um sibarita cultivando-a ineditamente e longe da maculante Prostituição do público, indagando na velha Alma Humana filões ainda inexplorados, cinzelando o seu *Sadismo* com o lento prazer e a aspiração de o acabar o mais tarde possível pelo único prazer de o ir sonhando. Sentado numa embriagada lassitude de faquir, extasiava o olhar a seguir os avatares do fumo, as baforadas espiraladas em serpentes azuis, aureolando os tocheiros de um halo de névoa, que ondulando, iam morrer, perder-se nas ondulações de crepe da tenda que cantoava a sala.

Raul Brandão chegava, a sua silhueta de pirata nostálgico elançada sobre as esguias pernas que arqueiam como as de Plintz, tesourando o chão a largas passadas sonâmbulas, a mão espalmada na larga franqueza, de um aperto de mão de lobo do mar, pendente o *brule-gueule* do lábio alvorado de um sorriso beato, de um sorriso que todo o banhava na claridade de alma de um simples — e com o alto e loiro filho de marinheiros parecia no Cenáculo entrar, flutuar no ar de treva vibrionado de círios da longa sala, uma fragrância iodada de algas e peixes ainda todos vivos, arquejando na areia de creme crepitante de paletas de mica e de sol, em escamas de hidrargírio e níquel que saltam.

Uma fluidizada reveria, a alucinação colorida extasiada nos olhos de uma esfinge que a vida, o trepidar das vagas fizesse viver no búdico extatismo de um sonho de sacerdotisa hindu, afogava a sua retina cor de lago gelado, fazia o seu olhar longínquo, esparso na visão cerebral dos plácidos horizontes cobalto do mar, — ou nas carcassas apodrecidas de naufragos sobre que os corvos se abatem, retalhando-as com as garras, sugando a sãnie verde-roxa das chagas que os rochedos fenderam, a massa amorfa e cinzenta de um crânio rachado, escancarando os parietais como as cascas de uma abóbora podre.

Porque na compósita intelectualidade de Raul Brandão essas duas fases se manifestam: na primeira, a das claras e azuis vagas, a esplanada das praias ardendo amarelas, às manchas de sol, a das frescas raparigas gráceis de cabelos de messe e sorrisos cheirando a camélias, lácteas e ainda impúberes ingenuidades aldeanas, lembrando Novenas e cravos, carnações de nêspas, fragrâncias de pessegueiro, rubores de camoesa e flores de romãzeira — e no claro-escuro pesadelo da sua outra fase, a fase torcionada e alucinada da sua nevrose, a paleta macabra de todos os *Sabats da Cor*, verdes repelentes de cancros, esbeçados de cristas roxeadas, de sinistras prostitutas que a gangrena e a lepra roeram, tintas de pus e de esgoto suando crime, chagas de lampeões sangrando no mistério fervilhante de larvas dos becos crivados de fachadas e uivos de estupro.

Impressa em Paris, uma obra de um original valor, o missal de um torturado, deve em breve aparecer de um dos nossos — *Confissões*, de António Nobre, esse monge Cakiamunista, de um pálido perfil de velha medalha, a face ascética e cheia de Alma. Lento, com os olhos que sonham, dizia os dramas e as quimeras da Existência — e o seu fim sereno, o fim que ele sonhava, na quietude imortal de um claustro, da Trapa, entre os seus Irmãos em negros capuzes, todas as manhãs cavando uma pazada de terra da sua cova — ou então dizia a sua perspectiva de viver, numa alta e sombria torre, sobre um rochedo, forrada de negro onde um tocheiro arde escutando o ulular do mar, o eco das vagas rolando sob a noite sem astros.

H. Pereira da Cunha, um emotivista do Passado, a quem a náusea do Presente, do banal e fétido escorrer da Vida Actual, sem sorriso e sem Alma, arrebatava para o seio da Lenda, a estesiarse na hierática, flordelisada pompa da Meia-Idade, na graça sensitiva e frágil do século da Pompadour, no tilintar de espadins de ouro, no esvoaçar de alvas plúmulas, no ritmo cambrado e heráldico dos *minuetes* de corte — quase subjectivando este livro grave e de Saudade: *Vida Morta*.

Igo de Pinho, um colorista brochando num deboche de vermelhão e amarelo os escampados onde o sol morde e cabriola aos gritos, numa borracheira de luz, — e quando a Melancolia que todas as modernas almas desmaia, vela de tintas de crepúsculo a sua retina de nictálope, aquatintando a um canto de tela, ermos tristes de paisagens unguidas de indigo e luar e onde um campanário dobra a finados.

De resto, um *dilettanti*.

Celso Hermínio, o seu Amigo, o amigo de nós todos pela seráfica suavidade da sua alma, habitando uma água-furtada no beco do imaginário com os seus gatos e uma arara, e apenas descendo às ruas de Lisboa para falar com Deus no Alto da Graça ou para colher entre a teia de aranha de Alfama o tic de um fadista, o esmadrimento de uma pataqueira num portal de casa de penhores, o ventre hidrópico de uma comadre a catar-se, o zigzague de um bêbado à porta de um café de lepes, a silhouette de um noctâmbulo, a uma esquina, sob um lampião.

A anatomia de Gavarni dentro da decoração de Goya.

*

Alguns outros ainda, estranhos ao Cenáculo, novos pela intuição e uma técnica nova, e de que através de revistas literárias e as obras publicadas, várias afinidades os diziam comungando na mesma arte.

Alberto Osório de Castro, um fioriturista de pequeninas maravilhas, de um heráldico *manierisme*, de vagas melodias estesian-

tes de poentes em que *angelus* agonizam em delicados retintínulos de rimas cinzeladas.

Algumas prosas de João Barreira, um *gouacheur* impressionista, empastando apesar um pouco demais tintas de pesadelo em concepções *baudelairianas*.

Eduardo d'Artayett, cujo sonambulizante idealismo rendilha às vezes numa trama confusa de estilo, deliciosas gamas, imagens de uma inédita preciosidade.

Camilo Pessanha, craionando bem alguns aspectos de Exterior.

E os mais afastados da nossa intuição de Arte, de todos nós que consideramos unicamente o valor de uma obra pela vibração de uma Alma pessoalmente e originalmente emotiva, independente de *Escola, fórmula* ou *coterie*, eram apesar de a todos os novos a espessa ignorância do público e do jornalismo português etiquetar sob a mesma tabuleta, Eugénio de Castro e Oliveira-Soares, simbolistas — *nefelibatas*, pois que assim o queira o ouvido alvar para quem este adjectivo exprime melhor a feição literária destes dois Poetas, superiores no entanto a todos os membros do capachismo em que a literatura simpática às massas se vai eternizando, na cauda da Tradição. Pelo seu firme desprendimento do passado esses dois artistas sobretudo têm a nossa estima, apesar da sobreposse de um procurado *inédito* do primeiro, adulterando um pouco a Arte pelo Cartaz, mas em que um fino talento cintila em preciosas joalharias de vitrais, o segundo ainda pela orientação nova que assegura na sua tentativa um tanto *vagissante*.

*

A Arte é a Sinceridade: cada um deve escrever como numa confissão a Jesus, Nosso Pai. Nesta simples elucidação, ligeira e breve como a Alegria, eu não quero deixar mais do que apontamentos sobre o génio dos novos. Assim não me alongarei estudando o misticismo dos novos — a volta à religião cristã que Raul Brandão atribui à influência de R. Maria ⁽¹⁾. No entanto far-se-ia

⁽¹⁾ Portugal, 7 de Agosto, Dom João de Castro.

um curioso trabalho analisando a influência da religião cristã em Júlio Brandão, cuja Poesia, pura como a água, tem o cheiro sugestivo de um ramo bento e o sabor ingénuo de um solau.

A nevrose aguçava-o: a tensão de espírito em que vivia fazia-o ansiar uma pacificação. Foi R. Maria que pela serenidade límpida da sua alma lhe fez amar a Simplicidade. Esse homem casto atraía-o: tinha a branca serenidade de um altar à Virgem. Depois não era um egoísta: combatente, falava no perdão de Jesus, no amor de Jesus; mostrava-lhe uma vida simples, num caminho de luz como a estrada de S. Tiago. Ainda pela sua feição artística, pela solenidade do seu ritual, pelo oiro amortecido dos velhos missais, pela intimidade das suas ermidas aldeãs, a religião cristã atraía-o. Sofria e a oração era um refúgio — um copo de água de bica, ao fim de um dia de cansaço, no Verão: de mais a mais perseguida pelos Bárbaros, que a desprestigiavam, ela aparecia-lhe feita para ser adorada...

Vem aqui a propósito dizer quem fosse R. Maria, que ainda recentemente, no mesmo artigo já citado, Raul Brandão supõe ser A. Rimbaud.

R. Maria era da Póvoa de Varzim, e aqui à minha beira tenho eu duas cartas do meu amigo — hoje em S. Rafael, vivendo como um pescador, ao sol, sobre o mar azul... Nunca conheci ninguém que tivesse vivido e que tivesse sofrido como R. Maria. Amava o mar, vivia no pongo "Vai com Deus", uma vida de preguiça, embalada pelo bater da onda no costado da embarcação. Conheciam-no e amavam-no os pescadores, pela coragem com que ele acudia aos mareantes em perigo. — Nossa Senhora dos Navegantes proteja os que andam sobre as águas do mar... Depois o seu génio aventureiro, o seu amor a Jesus e à Virgem, que ele se acostumara a invocar nos dias de temporal — fizeram-no viajar, correr ao deus-dará pelos areais do Mediterrâneo, pelas costas brumosas dos países do Norte. Por aí ficara, vivendo num mosteiro, entre penedias que o mar batia lúgubre nove meses no ano. A aridez da paisagem, a aridez do clima fizeram-no ter uma vida interior. A severidade da ordem, a intimidade da sua cela, muitas vezes lhe lembraram depois.

R. Maria não era, porém, um egoísta. Foi, assim, que decidiu converter os novos à religião cristã, e foi assim que ele apareceu, um dia, no cenáculo.

*

O que os novos querem é a Arte livre. A literatura dos outros, quase sempre não sentida, as mais das vezes sem probidade, arrastava-se. Os parnasianos desconsoavam-se coçando adjetivos bonitos: o naturalismo, que em Portugal se sustentara pelo *humour* de Eça de Queirós e pelo seu génio de fantasista — só encontrara seguidores medíocres. Depois, como J. K.-Huysmans o reconhecia, a banalidade do naturalismo feito por um escritor probo assustava. Foi então que os novos fizeram a Arte livre. Os poetas queriam o verso musical, sem o idiota cantado dos outros, nada retórico, sugestivo. O caminho em prosa estava também traçado: não se tratava já de escrever uma história mais ou menos complicada, um estudo de várias personagens em mais diversos; um livro devia ser uma confissão, com uma personagem única, o autor: — A autobiografia, bem simplificada, é em breves linhas a teoria de Arte que me parece a mais simples, a mais natural, a mais humana.

Ninguém como K. Maurício pôs em prática esta teoria de arte.

K. Maurício era beirão e fidalgo. Tímido, não tinha amigos, nem os queria. Poucas vezes falava — e nunca o vi alegre... Vivia para a Arte. Creio que era virgem — e essa estranha figura de histórico, só por si, daria um magnífico, um largo estudo.

K. Maurício entendia que nada na literatura era bem vivido — e assim decidiu deixar um livro sofrido. A ele, como muitas vezes dizia, era-lhe delicioso sofrer, sentir a alma dolorida. Assim o seu livro *Confissão* é uma autobiografia estranha, de uma tristeza indefinida. K. Maurício para escrever esse livro fez-se uma doença de medula. A autobiografia é dividida em três partes: a sua vida até ao momento em que ele decide dar-se à doença; os meios porque ele fez a lesão na medula, com a notação miúda da sua alma; a doença, o seu sofrimento, a análise da nevrose feita dia-a-dia. Esta parte, a última, só será concluída no dia da sua morte, calculada para daqui a dois meses — e é, talvez, o trecho mais melancólico, mais estranho que eu conheço. No princípio vem logo a alucinação da morte — e assim que a doença avança, assim que a Morte é certa e próxima — despedaça-o um pavor enorme: atira as palavras para o seu diário num

frenesi, desalinhavadas, mas vividas: tem horror à literatura que o matou — e quem lhe dera a saúde, a vida rústica de um simples de aldeia!... Ele quer viver ao sol, nas risadas das raparigas — e a morte avança fria, implacável: quer duvidar — mas o estudo da sua doença que ele fez antes não lho deixa, e todos os dias é uma luta horrível, que o faz chorar ou que o enche de um tédio enorme...

*

O tempo passou, e os seus dramas, e a lenta poeira fazendo a sua tarefa silenciosa sobre as coisas e as memórias.

Longe dos Bárbaros, recluso no meu claustamento de velho monge misantropo da Arte, entre a escarpada, clara-escuro paisagem desta fronteira do fétido País Natal onde arrastei a túnica das minhas idealidades azuis pelo asfalto — túnica de Cristo que a Vida jogou aos dados, — como eu reconheço bem a grande vantagem do Enfado em que no mundo se cai enfim do alto do Prazer! Pois que só o absoluto tédio nos livra de esperar, de indagar ainda fontes novas, veredas novas, de desilusões.

Ah! o pesadelo, o coma espiritual das madrugadas de orgias, em que na alma parece lenta escorrer a nevoenta cinza dos céus de Outubro, e que fazem sonhar num sonho carregado de aspiração nas meditativas venturas da Prisão Celular!... Como eu vos conheci, como a saciedade infinita dos vossos cálices de fel me livrou de vós, amargos dias-seguintes, e hoje na minha Paz que só despertam — vozes da Paisagem, — o longínquo carrilhão de um campanário tintinabulando em claras manhãs festivas, o eco que agoniza alguma melancólica e gutural cantilena de pegureiro e pelas noites um pinhal ululando à la Lua, — como eu reconheço que a relativa Felicidade deste mundo somente reside no Isolamento e na esperança do Céu!

Tudo é falso e vão, tudo é mau aqui em baixo! Só Deus é verdadeiro, e sobre a mentira dos lábios, sobre a mentira das lágrimas, sobre a fatuidade e o nada das nossas ideias, conjecturas, ambições, paixões: quimeras a que chamam verdades, sobre todas as misérias de que compõem o homem que passa e o instante que foge, só as práticas cristãs realmente ocupam o vazio

desta Vida: vista através da Fé ela é menos triste, menos dolorida: caminho de duros pedregulhos onde os pés se retalham e sangram as carnes nas Urzes e nos Silvados, mas que ao fim têm abertos sobre a Luz os portões de ouro que resplandem da celeste Jerusalém!

— Divorciai-vos deste mundo de Vaidade no Asilo da Crença, vós todos que conheceis o êxtase e os espasmos, o friselante arrepio do Verbo, vós todos que modulais até ao zénite todo o teclado das Sensações e esgotastes até às fezes o calix de jaspe do Ideal: todos os que como nós, artistas, vivemos em comunhão através dos livros com Almas melhores de outras eras: a quem a ânsia do Infinito constrange entre os quatro muros do Real e a quem os horizontes da Terra não bastam à visão-espiritual.

Vós todos a quem a Arte é cautério da cancro-existência, fugi da multidão porque ela só ama aqueles que se lhe assemelham: os miseráveis e os medíocres...

A Glória é falsa como uma moeda falsa, mercenária como uma prostituta!

Afastai-vos da Humanidade num voluntário exílio de Arte, e na nave augusta do seu templo que os Coríntios ignoram e onde as suas brutais vozes não perturbam a sagrada solitude, facetai como jóias de Custódia obras que sejam agradáveis ao Senhor, únicas dignas de Almas, Arte que seja para Ele como a lâmpada sempre acesa do Santo Sepulcro, como um turíbulo de religiosos perfumes do Lausperene, como um órgão de hieráticos hinários, sempre soando!

Lede a Bíblia, Livro em que todos os livros se contêm!

Também eu, também eu vindimei na Vinha negra do Pecado, e os meus olhos ofuscou a radiosa cegueira do Inferno: conheci as satânicas volúpias do Sacrilégio, os paraísos profanos da Carne. Mas a Infinita Clemência do Senhor atendeu às súplicas do meu coração naufragado, e como nos longínquos anos em que Ele me falou num velho altar de Seminário, de novo a Graça me ungiu e as suas suaves delícias, suaves como uma onda de ambrósias inefáveis banhando a minha alma que entre as tormentas bradava por Seu Auxílio.

Veio-me a náusea do Renome terreno, a consciência de outra Glória, bem mais Alta, êxtase de supra-humanos júbilos, a cons-

ciência da Glória-Eterna. Mergulhei na ventura da Esperança. Não tornei a ver a face de alguém, a escutar a falsidade humana. Assim o meu prazer de hoje, ao desmaiar o dia, neste *tête-à-tête* dos crepúsculos lentos de campo em que a nossa recordação fala com o passado, é ir ao acaso pelas veredas de que a sombra sobe para o alto, como um fumo leve de turíbulo indistinto. Ao longe, na aldeia cheia de serenidade, acende-se o clarão da primeira janela, depois outra mais longe responde, como o despertar na treva do eco de um canto de galos — e eu vou na minha meditação taciturna, contemplando no firmamento a floração de ouro dos Astros, caracteres do grande Livro onde o Senhor todas as noites fala aos Humanos, na profunda escuridão da Terra.

A ribeira vai ruisselando como um repercutido, inextinto eco do Passado... Oh! as lágrimas que a este momento os Exilados da Vida irão chorando neste Vale de Agonia...